

Pensar a potência dos afetos na e para a educação

5

Thinking about power of affections in and for education

Cristina Novikoff*

Marcus Alexandre de Pádua Cavalcanti**

Resumo: A proposta de refletir sobre a potência dos afetos *na e para* a educação emergiu da vivência experienciada em discussão interdisciplinar na disciplina “Ensino-aprendizagem: questões contemporâneas”, no Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas da Universidade do Grande Rio (Unigranrio). Destarte, o presente artigo apresenta, em sua estrutura, três objetivos interligados para dar razão à prática docente. Primeiramente, traçou-se a análise sobre a importância do conhecimento, consoante Spinoza (2009), acerca de nossos afetos para sustentar o argumento de a educação ser um processo de aprendizado com foco na liberdade e na autonomia. Para isso, discute-se a proposta desse filósofo com a finalidade de abstrair as ideias e os argumentos necessários à compreensão de como esses afetos agem sobre o corpo e a mente e, então, apontar a como os conceitos spinozianos do desejo (*conatus*) tornam-se balizadores de práticas contemporâneas. Nesse tópico, são discutidos como os afetos oferecem subsídios para aumentar a capacidade de agir e de ser atuante em relação à própria vida. Posteriormente, são abordados os gêneros de conhecimento, conceito central desenvolvido por Spinoza (2009), por meio do qual se torna possível o entendimento de como ocorre a passagem da passividade – submissão passional às causas externas – à ação ou à atividade, fortalecendo as paixões alegres e o desejo, que é a própria essência do homem. Finalmente, propõe-se articular a prática educacional à teoria dos afetos de Spinoza (2009), a fim de pensar como um professor pode

* Pós-Doutora em Educação. Atua na Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades e no Programa de Pós-Graduação de Doutorado e Mestrado Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas da Universidade do Grande Rio (Unigranrio). *E-mail:* <cristina.novikoff@gmail.com>

** Mestre em Letras e Ciências Humanas pela Unigranrio. *E-mail:* <marcus_nathan1203@hotmail.com>

promover bons encontros com o conhecimento, possibilitando, assim, que os discentes possam ser afetados ao máximo pelas paixões alegres e possam reforçar sua potência de agir.

Palavras-chave: Spinoza. Educação. Afetos. Conhecimento. Liberdade.

Abstract: The proposal of thinking about the power of affections *in and for* education emerged from the experience of experienced interdisciplinary discussion in the course called “Teaching-learning: contemporary issues”, at the master’s program in Literature and Humanities at the Universidade do Rio Grande (Unigranrio). Initially, this article presents three connected objectives, in order to uphold teaching practice. Firstly, we analyze the importance of knowledge, according to studies of Spinoza (2009), about our affections, in order to argue that education is a learning process focused on freedom and autonomy. Thus, we discuss the purposes of this philosopher in order to abstract ideas and arguments used to understand how these emotions act on the body and mind. We also intended to point out how the concepts of desire (*conatus*) became benchmarks of contemporary practice. In this topic, we discussed how the affections offer subsidies to increase capacity to act and to be active in relation to life itself. After, we examined the kinds of knowledge, central concept of Spinoza (2009). Through them, it is possible understanding how is the transition from passivity – passionate submission to external causes – to action or activity, strengthening joyful passions and desire, which is the very essence of man. Finally, we aim to connect the educational practice with the theory of Spinoza regarding to affections, in order to think how a teacher can promote good encounters with the knowledge, enabling the students to be mostly affected by the joyful passions and to strengthen their power to act.

Keywords: Spinoza. Education. Affections. Knowledge. Freedom.

Introdução

Falar em educação não é simplesmente explicar sobre as capacidades intelectuais e morais do corpo discente em ambientes educativos, mas construir as possíveis relações e conexões afetivas que tragam tentativas de compreender melhor a amplitude de temas e de questões levantadas quando se fala da relação entre professor e aluno. É importante ressaltar que essa relação envolve aspectos cognitivos e afetivos que repousam sobre uma igualdade – corpo e mente – (JACQUET 2011), em que não há prevalência do estatuto mental sobre o estatuto corporal como supunha

o idealismo.¹ Dessa forma, Spinoza (2009) convida a romper com uma concepção simplista inaugurada por Descartes, que acreditava em um poder transcendente e absoluto da mente sobre o corpo, já que era a detentora de uma vontade livre capaz de controlá-lo.

O projeto de Spinoza (2009) dá-se na imanência, pois requer a compreensão da dinâmica dos afetos – que resulta do encontro de corpos –, com a finalidade de se utilizar deles para a obtenção de conhecimento. Assim, ao pensar a educação, faz-se necessário entender as causas e os resultados dos encontros de corpos – do professor e do aluno –, bem como as composições e as decomposições que esses corpos podem gerar ao se encontrarem. Como afirma Spinoza (2009, p. 99), “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a exposição e a compreensão do pensamento de Spinoza (2009) por parte dos professores tornam-se ações fundamentais para a prática docente, uma vez que aprender a administrar os encontros é buscar o aumento da potência de existir.

Para uma compreensão melhor dessa proposta, será necessário ressaltar a dinâmica dos afetos, a unidade corpo-mente e a teoria do conhecimento desenvolvida por Spinoza (2009), de maneira a voltá-los à educação. Spinoza nunca explicitou uma teoria sobre a educação; contudo, a leitura de sua obra oferece pistas de contextualização para que se pense nesse tema. Sendo assim, propõe-se discutir de que forma um professor pode promover “um bom encontro”, consoante os estudos de Spinoza (2009). Especificamente nessa situação, o intuito é produzir bons encontros entre professores e alunos, com vistas a favorecer e aprimorar o conhecimento, assim como possibilitar um aprendizado livre e ativo, servindo de fio condutor que una educação e filosofia.

Este trabalho tem como propósito problematizar a possibilidade de o pensamento do filósofo holandês Benedictus de Spinoza (2009) contribuir com as discussões atuais sobre educação. A intenção é expor

¹ Trata-se de uma vertente da tradição filosófica que reduz o ser à consciência. O idealismo toma como ponto de partida para a reflexão o sujeito, mas não o mundo exterior, haja vista que considera a ideia como o princípio do ser e do conhecer. Por conseguinte, afirma que a realidade que se encontra fora da própria mente não é cognoscível por si, já que o objeto do conhecimento humano é sempre construído pela atividade cognoscitiva. (CHAUI, 1994).

a capacidade transformadora e libertadora desse pensamento para a prática pedagógica cotidiana.

A dinâmica dos afetos: composições e decomposições com o ambiente

Os afetos têm um papel central na filosofia de Spinoza (2009), na medida em que é uma filosofia que torna possível a passagem de um ponto de vista teórico para um ponto de vista prático, pois, de acordo com esse filósofo, o conhecimento somente é alcançado por meio dos afetos. (MARTINS, 2008). Cada corpo² é afetado de maneiras múltiplas, isto é, nenhum corpo é afetado da mesma forma que outro corpo, pois o que toca e leva um indivíduo a pensar sempre se expressa de maneira singular e não genérica, embora as ideias possam ser compreendidas e compartilhadas entre muitos corpos-mentes.

Nas palavras de Spinoza (2009, p. 163): “Por afeto compreendo as afecções³ do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. É essencial que haja dois corpos para que ocorra a afecção. Spinoza (2009) reconhece três afecções primárias: (i) alegria – *conatus*⁴ aumentado; (ii) tristeza – *conatus* diminuído; e (iii) desejo⁵ – *conatus*. Além disso, o filósofo afirma que todas as outras nascem a partir dessas. Alegria, tristeza e desejo são as afecções básicas, e todas as demais afecções se ligam a elas. Uma coisa qualquer pode causar, acidentalmente, alegria, tristeza ou desejo. O afeto é a modificação da força de agir, a variação do *conatus*. Nesse sentido, a afetividade humana constitui-se como uma manifestação particular da potência global da natureza.

De acordo com Spinoza (2009), o termo *afeto* – *affectus* – expressa a mudança de um estado a outro, não apenas no corpo afetado, mas

² “Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa.” (SPINOZA, 2009, p. 51).

³ Afecção é “a modificação de um corpo causada pelo encontro com outro corpo”. (SPINOZA, 2009, p. 111).

⁴ De acordo com Spinoza (2009), o *conatus* é a essência de todo corpo, isto é, aquilo sem o qual uma coisa não pode existir e, sequer, ser concebida. Logo, sem o *conatus*, um corpo não pode existir e ser concebido. Portanto, o *conatus*, como essência do corpo, é a força do corpo para continuar em sua existência, ou seja, continuar sendo o que é, afirmando sua existência e as relações que o compõem.

⁵ “O desejo é a própria essência do homem, isto é, o esforço pelo qual o homem se esforça por preservar em seu ser.” (SPINOZA, 2009, p. 168).

também no corpo afetante. Essa transição pode ser positiva ou negativa para o corpo afetado, o que se caracteriza pelo aumento, no primeiro caso, ou pela redução, no segundo, da potência de agir do corpo.

Contudo, os afetos, a despeito de serem ideias – já que as afecções são modificações que acontecem no corpo e na mente –, não devem ser concebidos como representações de objetos, pois expressam mudanças de potência entre um estado e outro.

Dessa forma, os afetos são potências em processo de variação; ser afetado é passar de uma perfeição menor para uma maior – alegria – ou de uma perfeição maior para uma menor – tristeza. Além de não abranger necessariamente a consciência da transformação, essa mudança expressa a variação da potência de agir do corpo. Para o filósofo, toda paixão é um afeto, embora o contrário não seja verdadeiro. As paixões podem ser alegres, ainda que sejam passivas, quando acrescentam mais realidade ao indivíduo, ou podem ser tristes, sempre que subtraem essa realidade do mesmo indivíduo.

Spinoza (2009) classifica os afetos como afetos de alegria – ativos – ou de tristeza – passivos. No momento em que o modo⁶ encontra outro modo que se compõe com ele, aumenta sua potência de agir. Nesse sentido, diz-se que houve um bom encontro, possibilitando a esse modo um grau de perfeição maior. Diferentemente, quando ocorre um mau encontro, existe a diminuição da potência de agir e da força de existir do modo – passividade.

Chauí (2011) afirma que os afetos ativos, isto é, a mudança da passividade para a atividade, expressam o trabalho interpretativo que a mente produz sobre seus afetos para se descobrir como causa interna deles, o que se pode entender como uma elaboração afetiva no sentido da expansão de potência. Essa somente se expande caso determinados estados afetivos estiverem presentes.

Por meio da escolha daquilo que afeta positivamente o indivíduo, surge a possibilidade de expandi-la, pois a composição acontece em relação ao ambiente, que age sobre ele, em vez de padecer de sua invasão. Assim, alegria e tristeza traduzem essas variações do esforço em perseverar

⁶ Spinoza (2009, p. 13) define *modo* como sendo uma afecção da substância: “Por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido.”

no ser, para mais ou para menos, relacionadas aos constrangimentos que o corpo sofre, de modo que o que diminui a força e a capacidade de agir do indivíduo contraria a potência do corpo, assim como o faz com a potência de pensar.

Na mesma obra, Chauí (2011) explica que aumentar a potência de um indivíduo é expandir seu território de ação no mundo e dar-lhe a oportunidade de caminhar em direção a uma independência maior em relação ao ambiente – o que não significa a diminuição das relações com a exterioridade, pois apenas quando o ser é a causa interna de seus afetos, ele aumenta a sua potência de agir. As relações que o indivíduo mantém com outros corpos podem beneficiá-lo ou prejudicá-lo em sua expansão; no segundo caso, ele reage aos encontros em vez de agir sobre eles, ou seja, torna-se um indivíduo reativo, dominado pelas paixões.

Spinoza (2009), ao explicitar mais acerca de seu conceito de potência, refere-se a ele como o poder de afetar e de ser afetado que a substância e seus modos expressam, mesmo que em proporções distintas. A substância apresenta uma potência absoluta e infinita de afetação, enquanto os modos variam, isto é, experimentam transições, que são chamadas de afetos.

Spinoza (2009) também afirma que a ética, portanto, vai no sentido da expansão de potência por meio de modos de existência imanentes, que não se referem a princípios transcendentais de bem e mal, mas que acompanham as relações e os encontros entre os corpos, elaborando um caminho em direção à liberdade. Essa nada mais é do que a capacidade de compor relações com o ambiente, ou seja, adicionar mais realidade à própria vida, fazer com que os encontros possam acrescentar experiências em vez de diminuir nossa potência de agir e de conhecer o mundo e a nós mesmos.

Nesse sentido, a compreensão ética resulta de uma experiência afetiva e não está submetida a interdições transcendentais, mas deriva de uma compreensão que decorre de nós mesmos sobre o que nos convém e o que não pode convir com nossa essência. Spinoza (2009) no caminho elaborado por sua filosofia na direção da ética, da liberdade e da alegria.

Segundo Spinoza (2009), os corpos, em suas relações com outros corpos, sofrem constrangimentos ou expansões de potência que são expressos na mente por meio das ideias. Essa é a dimensão afetiva da experiência, pois o afeto é entendido por Spinoza (2009, p. 98), como

“a ideia de uma afecção do corpo”. Há uma variação em paralelo da potência de agir e de pensar.

Assim, o homem, na medida em que é racional, pode, pelo esforço da razão, exercitar-se para escapar do fluxo heteronômico das afecções, em que é, na maioria das vezes, afetado mais por tristezas do que por alegrias, para outro modo de vida em que se esforçará, conscientemente, para organizar seus encontros de forma a ser afetado mais por alegrias do que por tristezas.

Existem, portanto, dois modos de vida: (i) a vida do homem passivo, que vive entregue a seus encontros e nada faz para orientá-los de forma a experimentar mais tristezas que alegrias; e (ii) a vida do homem ativo, que, pelo esforço da razão, busca orientar seus encontros de forma a experimentar mais alegrias do que tristezas. Por esses dois tipos de vida, percebe-se que a alegria está vinculada à ação e à liberdade, ao passo que a tristeza está vinculada à servidão e à paixão. (DELEUZE, 2002).

A ontologia spinoziana: união psicofísica corpo-mente

De acordo com Teixeira (2001), o dualismo corpo-mente é tendência majoritária na história da filosofia ocidental, iniciando com o idealismo de Sócrates e de Platão, passando pelo Cristianismo e transitando pelo dualismo de *res cogitans* e *res extensa* de Descartes. Em Descartes (1999), há uma primazia do sujeito – mente – isolado dos sentidos, e o conhecimento verdadeiro, por sua vez, consistirá justamente na separação da alma e do corpo. Nesse sentido, Descartes (1999) separa e hierarquiza a extensão – *res extensa* – e o pensamento – *res cogitans* –, privilegiando a mente em detrimento do corpo.

Em Spinoza (2009), corpo e alma são uma única e mesma coisa; são modos da substância⁷ única – Deus⁸ ou natureza, modificações contínuas e descontínuas da substância, compreendidas segundo seus

⁷ “Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.” (SPINOZA, 2009, p. 13).

⁸ Spinoza (2009) defendeu que Deus e natureza eram dois nomes para a mesma realidade, a saber, a única substância em que consiste o universo e do qual todas as entidades menores constituem modalidades ou modificações. “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.” (SPINOZA, 2009, p. 13).

atributos,⁹ que são infinitos, porém dos quais os homens participam ou têm conhecimento: atributo extensão e atributo pensamento. O corpo é um modo da substância sob o atributo extensão; o espírito é um modo da substância sob o atributo pensamento. As ações e as paixões são as mesmas ações e paixões do espírito, isto é, o modo de extensão e o modo de pensamento são uma única e mesma coisa, expressa de duas maneiras diferentes segundo os atributos que expressam.

Um efeito qualquer produzido no corpo produz uma ideia no espírito, simultaneamente na mesma ordem e conexão, não existindo superioridade, comando ou interferência de um sobre o outro. O corpo não é melhor ou pior do que o espírito, mais forte ou mais fraco; o espírito não move o corpo, nem o corpo restringe o espírito, é a mesma coisa percebida de maneiras diferentes – a coisa e a ideia da coisa. Corpo e espírito não se determinam, entre si, a agir ou a pensar; são expressões paralelas das modificações da substância, de tudo o que acontece ao corpo dá-se uma ideia na alma. (SPINOZA, 2009).

Martins (2008) afirma que o corpo é a nova matriz da reflexão filosófica proposta por Spinoza (2009); para isso, ele elaborou uma concepção monista imanentista de mundo, na qual, em termos ontológicos, mente e corpo são dois aspectos de um mesmo ser, ambos concebidos como imersos à natureza.

Enquanto Descartes (1999) considerava que a razão, por meio da vontade e do livre-arbítrio, teria um poder de ação sobre o corpo e suas sensibilidades, Spinoza (2009), à mesma época, compreendia a razão como uma razão afetiva, isto é, como uma forma de conhecer as coisas por meio de investigação sobre suas propriedades comuns, a partir da relação sensível com elas e sem se afastar dessa inserção sensível. Assim, conforme Spinoza (2009), o homem que afirma que uma ou outra ação provém da mente está equivocado e não sabe a verdadeira causa de determinada ação.

No sistema spinoziano, a mente constitui-se por meio das ideias que forma acerca dos encontros do corpo com os outros corpos. O corpo tem papel fundamental nesse processo, já que, sem ele, a mente não poderia se constituir. Nesse sentido, Spinoza (2009, p. 99) afirma que

⁹ “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência.” (SPINOZA, 2009, p. 13).

o corpo é capaz de agir ou padecer mais comparativamente a outro corpo, “tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas”.

Como apontado, para Spinoza (2009), existe uma única substância que é composta por infinitos atributos, e o indivíduo é capaz de conhecer apenas dois deles: pensamento e extensão – mente e corpo. Assim, corpo e mente manifestam uma única e mesma coisa – a substância –, cada um a seu modo. Dessa forma, o afeto é uma ideia de uma afecção – modificação/alteração qualquer – que ocorre no corpo e na mente. A afecção da mente é a produção de ideias, e a mente percebe-se tendo essas ideias.

Por conseguinte, Spinoza (2009, p. 101) propõe a seguinte questão: “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo.” Frase provocativa que comporta múltiplos sentidos e questões: (i) o corpo foi pouco pensado pela tradição; e (ii) o corpo é subestimado e quase sempre tomado como superfície de aplicação de regras por parte do poder mental, que é superior ao corpóreo – o que pode ser pensado como corolário da primeira.

Em face dessas questões, Chauí (2011, p. 73) afirma: “Um corpo é tanto mais potente quanto mais amplo e complexo for o sistema das afecções corporais. Isto é, a capacidade para afetar e ser afetado por outros corpos.

Sendo corpo e mente expressões simultâneas de uma só e mesma substância, a comunicação entre ambos está dada a princípio. (CHAUI, 2011). Além disso, de acordo com Spinoza (2009), o objeto que constitui a mente é uma coisa singular existente em ato: o corpo. Assim, a mente estará tanto mais apta a um grande número de percepções quanto mais o corpo, objeto da ideia que é a mente, puder ser arranjado a partir de um grande número de maneiras, ou seja, quanto maior for a complexidade do corpo e, conseqüentemente, sua capacidade para sofrer afecções.

Segundo Chauí (2011, p. 76), “a singularidade do homem como unidade de um corpo e de uma mente é imediata – a união não é algo que lhes acontece, mas aquilo que um corpo e uma mente são quando são corpo e mente humanos”. O corpo possui, assim, um papel central e imprescindível nos processos cognitivos que envolvem, de parte a parte, a sensorialidade.

Spinoza (2009) entende que o corpo pode ser afetado de tantas maneiras quantos forem os encontros que realizar, que podem resultar em composições ou decomposições. A inobservância dessa verdade deu origem à moral do bem e do mal, transcendentais e metafísicos. O filósofo explica que, em vez do bem, existe o *bom*, que é tudo aquilo que convém à nossa natureza, compondo-se com ela e aumentando nossa força para existir ou nossa potência para agir. Além disso, em vez do mal, existe o *mau*, que é tudo aquilo que não convém à nossa natureza, não compondo com ela e diminuindo nossa força para existir ou nossa potência para agir. *Bom e mau* é tudo o que existe; jamais *bem e mal*.

O fato de o corpo poder ser afetado constitui um poder que lhe é intrínseco, que se configura como a sua potência singular. O poder de ser afetado pressupõe uma variação de potência; porém, por mais que o corpo possa ter o seu grau de potência diminuído em um encontro, não se pode dizer que o poder de ser afetado constitua uma passividade em si, pois, sendo um poder, tem necessariamente algo de positivo.

O poder de ser afetado diz respeito tanto aos corpos quanto às mentes. Quando se trata de um corpo, esse somente poderá ser afetado por outros corpos. Da mesma forma, quando se trata da mente, essa apenas poderá ser afetada pelos modos de pensar, que não são necessariamente ideias. Todavia, como a mente, para Spinoza (2009), é a ideia do corpo, pode-se afirmar que também é afetada pelos corpos por meio das ideias que forma acerca dos encontros que o corpo de que é ideia realiza com outros corpos.

A capacidade de pensar é construída à medida que o corpo entra em contato com o ambiente que o cerca, pois, se a mente é a ideia do corpo, ao mesmo tempo que é ideia de si mesma, é fundamental para o conhecimento de si o conhecimento do corpo do qual ela é ideia. Esse processo ocorre a partir dos encontros do corpo com outros corpos. Conforme Spinoza (2009), pode-se dizer que pensar é transformar as categorias do mundo, não como representação, mas como prática de experimentação. Assim, um encontro faz pensar, provoca o pensamento, que nunca parte, no sistema spinoziano, de uma decisão racional ou voluntária. Nesse sentido, também se pode afirmar que não há pensamento sem uma base afetiva que o sustente e acompanhe. A relação entre razão e afetividade em Spinoza (2009) é de continuidade, e não de oposição. (CHAUI, 2011).

Epistemologia de Spinoza: gêneros de conhecimento

Spinoza (2009) distingue três gêneros de conhecimento, embora possam coexistir em um mesmo ser: (i) imaginação; (ii) razão; e (iii) intuição intelectual. Os gêneros de conhecimento referem-se às maneiras por meio das quais o homem pode conhecer a si e a natureza. O primeiro deles é o conhecimento formado pela imaginação; o segundo é o conhecimento pela razão, pelas causas, isto é, pela ordem das relações; e, por fim, o terceiro é o que Spinoza (2009) denomina “ciência intuitiva”, em que se passa ao conhecimento dos graus de potência ou graus intensivos, e não apenas das causalidades.

Segundo Rezende (2004), o conhecimento do primeiro gênero é o da experiência vaga ou da imaginação, o qual pode ser descrito como um conhecimento inadequado e confuso ou como fonte de erros e falsidade. Além disso, é passivo, não passa de uma opinião e provém das impressões que um corpo recebe de outros corpos. Não é possível conhecer diretamente os corpos exteriores, somente são percebidas as transformações que causam nos corpos. Nesse conhecimento, as ideias são elaboradas pela imaginação. Não são mais que o resultado de uma repetição de sensações semelhantes e procedentes dos corpos, as quais se confundem em uma imagem ou representação composta, geral e confusa das coisas. Essas ideias carecem de rigor científico e variam de indivíduo a indivíduo, pois cada qual forma essas imagens à sua maneira. Não obstante, conservam alguma semelhança, uma vez que os corpos humanos são semelhantes. São ideias falsas, mutiladas e confusas, ou seja, são ideias inadequadas. Para Rezende,

o primeiro gênero de conhecimento, portanto, é uma experiência onde se encontram ideias confusas de misturas entre os corpos e enquanto não separamos o poder de ser afetado por um corpo e não aprendemos a sair do acaso dos encontros, não teremos sabedoria. (REZENDE, 2004, p. 66).

Segundo Chauí,

a experiência vaga é errante sob vários aspectos: “não possui objeto determinado”, “pode expressar-se de variadas maneiras”, “depende das circunstâncias, das disposições e condições atuais do corpo e do ânimo”, “opera segundo as normas da imaginação” e “é inabalável apenas

enquanto uma outra, tão casual quanto ela, não se opuser a ela nem a desmentir”. (2003, p. 219).

Apesar disso, é importante ressaltar que, em si, a imaginação não é um empecilho ao verdadeiro conhecimento. Ela apenas leva ao erro humano à medida que quem imagina acredita como existente aquilo que não é, ou seja, se a pessoa que imagina sabe que imagina, e que os produtos de sua imaginação não estão presentes, a imaginação pode ser considerada uma virtude à medida que ela dependerá, exclusivamente, da potência da mente da pessoa que imagina.

Além disso, a imaginação é um modo de percepção/gênero do conhecimento da existência das coisas por meio da transição de potência do corpo – o afeto –, que conserva as marcas do corpo modificante no corpo modificado, tendo a percepção da coisa em ato, no tempo presente. Sendo assim, a imaginação pode ser vista também como uma virtude enquanto possibilita uma infinidade de modos de afecção do corpo e um problema epistemológico, enquanto o corpo não tem consciência de sua própria capacidade de afetar e ser afetado, sendo capaz de levar padecimento ao corpo afetado que considera presente coisas que não estão. (SPINOZA, 2009).

Como exemplo de virtude desse gênero de conhecimento, Martins (2008) afirma que as crianças, em seu processo de desenvolvimento emocional, inventam criativamente diversas explicações imaginárias para as coisas, a fim de obter certo domínio sobre elas. De acordo com o teórico, as crianças necessitam ensaiar a autoconfiança na concepção das próprias ideias; por isso, inventam uma explicação. Entretanto, é preciso destacar que essas explicações partem de um lugar onde a criança está envolvida com o objeto e onde a experiência, os próprios afetos e as afecções estão em um diálogo entre o que há dentro e fora de si.

O mesmo não pode ser dito quando a imaginação tem uma função de defesa contra uma realidade vivenciada como hostil, inalcançável e incompreensível, como é o caso das religiões. Chauí (1973) afirma que, na visão de Spinoza, quando os teólogos e os soberanos utilizam a Bíblia como se ela se tratasse de ciência ou filosofia, não somente cometem um grave engano, como também, por detrás disso, há o interesse de manter as pessoas em um pensamento supersticioso e acrítico. Spinoza (2009) defende que a imaginação cria entes que não constituem coisas da natureza, e essa é a causa da formação do imaginário religioso que produz

homens medrosos e supersticiosos, prontos para serem subjugados pelas autoridades.

Na lição de Spinoza (2009), a imaginação corresponde a ideias inadequadas a respeito das coisas e dos fenômenos, pelo fato de que se trata apenas de um conhecimento dos efeitos e dos vestígios que a realidade imprime em nossos sentidos, e não das causas. (MARTINS, 2008).

Martins (2008) refere que Spinoza defende como imprescindível ultrapassar o conhecimento por opinião ou o imaginativo, pois, apesar de útil no que diz respeito ao cotidiano, mantém-nos no plano da contingência e, portanto, distante da perspectiva de necessidade esboçada no conhecimento do segundo gênero. A partir disso, Martins (2008) destaca que o primeiro gênero de conhecimento, a imaginação, cede lugar à razão ou à noção comum, quando deixamos de ignorar as causas e de acreditar nos efeitos das coisas e dos acontecimentos, ou seja, rompe-se com o imaginativo para ser racional.

Rezende (2004, p. 67) afirma que “o conhecimento do segundo gênero é um conhecimento discursivo, necessário, certo, verdadeiro e adequado, ainda que não de todo perfeito”. Nesse gênero de conhecimento, existe a passagem das ideias confusas às ideias claras e distintas, das ideias inadequadas às ideias adequadas. Das ideias produzidas pela imaginação e sem relação entre si, passamos às noções comuns que a razão descobre na mesma realidade e com as quais faz relações verdadeiras.

Além disso, Rezende (2004) ressalta que a noção comum é a ideia de algo que é comum a todos os corpos, dois ao menos, e que é comum ao todo e à parte. Isso significa estar em movimento e repouso, haja vista que as afecções são próprias e particulares de cada corpo. O conhecimento, com base em ideias adequadas, é necessariamente verdadeiro. Sua verdade não consiste em uma denominação extrínseca, tampouco em uma relação com o objeto representado, mas é uma propriedade inerente à própria ideia, por isso, clara e indubitável.

O conhecimento racional, ou do segundo gênero, constitui-se como umas das vias fundamentais a que precisamos ascender se quisermos atingir a felicidade suprema, pois somente com a razão aprendemos a distinguir o verdadeiro do falso. Na visão de Martins (2008), a passagem do conhecimento racional ao intuitivo é a de um conhecimento formal a um conhecimento atualizado, presentificado, singularizado e relacional.

Spinoza (2009) afirma que o terceiro gênero, além de ser o mais perfeito, expressa a superação da universalidade da razão e alcança a sua singularidade. De fato, o terceiro gênero, que Spinoza (2009) reconhece como o melhor e que nomeia de “ciência intuitiva”, usa a razão e a imaginação junto com a intuição, pois é um conhecimento das coisas singulares, indo, portanto, além das leis gerais. Vale-se da razão, mas, com a imaginação intuitiva, compreende-se o que é singular e que, por ser singular, é inalcançável pela razão. (MARTINS, 2008).

Segundo Rezende (2004), o terceiro gênero de conhecimento é o conhecimento pela essência ou pela causa próxima. É um meio de conhecimento que percebe de forma intuitiva, sem fazer operação alguma. A essência adequada da coisa é apreendida sem risco de erro. É uma percepção que resulta da causa para o efeito, um eixo central da verdadeira ciência. Esse conhecimento do efeito é um conhecimento mais perfeito da causa. Não é um conhecimento vindo das abstrações, mas da essência particular afirmativa, ou seja, de uma verdadeira e legítima definição. Com efeito, a mente deve reproduzir, assim, a concatenação da natureza, explicando a essência íntima das coisas. É um modo de percepção que deve deduzir as propriedades da coisa a partir da definição dessa coisa.

Tendo isso em vista, Spinoza (2009) admite que todas as pessoas têm a possibilidade de pensar adequadamente com base em um esforço reflexivo sobre seus afetos/ideias e alcançar a felicidade – a alegria proveniente da capacidade de pensar e agir por si próprio, o que se constitui como liberdade, como possibilidade de expressar/afirmar sua potência de agir ou sua força de existir.

A sala de aula: *locus* de encontros

Segundo Deleuze e Parnet (1998), o estudante só procura o estudo quando está decidido a fazê-lo em função de uma situação concreta, quando é tomado por uma espécie de arrebatamento que o conduz ao estudar. Há sempre uma paixão por um professor, por uma disciplina, por um livro. Estudar não começa na mente, começa na pele. Estudar é enamorar-se, não é uma descoberta por afinidade, nem feita de boa-vontade; depende de um encontro com alguma coisa que nos force a pensar, precisa ser produzido, conquistado, desejado em uma sala de aula. Um estudo é uma sala de encontros com matérias, objetos, conteúdos, coisas, ideias, pessoas, mas também de encontros com entidades e movimentos.

Pensando de acordo com os conceitos da filosofia de Spinoza (2009), pode-se considerar que é possível, ao longo de nossa vida cotidiana, vivenciar uma gama de interações com outros corpos – pessoas. Nesse sentido, o ambiente educacional é visto como um local importante para promover interações entre professor e aluno, com a finalidade de produzir o desenvolvimento do indivíduo no sentido de torná-lo ativo. Seguindo o pensamento de Spinoza (2009, p. 244), pode-se concluir que isso ocorre porque, por meio dessas relações, se torna possível a criação de meios para se alcançar um estado de maior alegria, ou seja, o homem maximiza a sua potência, “esforçando-se para perseverar no seu ser”.

Nesse sentido, torna-se necessário pensar no modo como se aprende e se ensina. De acordo com Leite e Tassoni (2002), ao se referirem aos estudos na área da psicologia, especificamente os resultados de pesquisas na área da psicologia da educação, com uma abordagem histórico-cultural,¹⁰ endossamos a ideia de que “professores tornam-se inesquecíveis porque desenvolvem práticas pedagógicas que possibilitam aos jovens experienciarem o sucesso em situações de aprendizagem”. (LEITE, 2006, p. 41). Essas pesquisas explicam que a vivência de situações de sucesso na aprendizagem fortalecem os indivíduos afetivamente seguros. Essa vivência experienciada prepara melhor o indivíduo para manter relações com o mundo.

Nesse sentido, o professor pode promover e desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam a aprendizagem e o conhecimento, de modo que os alunos se fortaleçam afetivamente, aprimorando suas relações com o mundo, o que para Spinoza (2009) implica encontros que favoreçam *ao homem perseverar no seu ser*.

¹⁰ No início século XX, Vygotski (2004) foi afetado por essas elaborações intelectuais, spinozianas. Dessa forma, é possível observar essa influência em alguns conceitos de sua teoria histórico-cultural. Assim como Spinoza (2009) concebe que mente e corpo não são entidades distintas, fez um cuidadoso exame das teorias sobre as emoções presentes em seu tempo. Realizou um estudo histórico-psicológico das emoções. Segundo van der Veer (1984), pelo menos três ideias de Spinoza (2009) influenciaram na teoria histórico-cultural de Vygotski: (i) intelectualismo; (ii) uso de ferramentas intelectuais (simbólicas); e (iii) determinismo. Essa trílice noção, contudo, pode ser resumida em uma única concepção vygotskiana: o desenvolvimento do psiquismo ocorre mediante uma contínua apropriação da cultura, o que Vygotski (1984) tentou demonstrar por meio da análise de duas vias: (i) filogenética; e (ii) ontogenética.

Uma vez que, segundo Spinoza, cada um decide aquilo que é bom ou ruim segundo o seu afeto (E3P39S), uma educação prescritiva/normativa que decide o quê, como e quando algo deve se aprendido é despotencializadora, pois estimula a passividade do sujeito, é geradora de paixões tristes, na medida em que distancia o educando de sua própria potência de pensar. O filósofo nos mostra que em função dos encontros há variação de nossa potência, sendo, deste modo, imprevisível o momento da aprendizagem, pois cada um tem sua própria história afetiva e, portanto, é mais ou menos sensível a isto ou aquilo em função do que já foi vivido. (COSTA-PINTO, 2002, p. 138).

A tristeza não torna alguém inteligente, ao passo que a alegria provocada por conveniência com as relações do corpo torna as pessoas mais inteligentes. Logo, pode-se entender que existe aprendizagem quando um objeto que compõe com o corpo traz alegria e satisfação. Assim, o discente torna-se mais suscetível a apreender quanto mais objetos se compõem com seu corpo, escreveu Spinoza (2009).

Esse filósofo também afirma que os encontros de corpos assumem o papel de indicador de que uma determinada ação, se realizada, vai proporcionar maior ou menor alegria, vai aumentar ou diminuir a potência do indivíduo. Quando se refere a encontros passivos, não se refere propriamente à ausência de ação, mas a pouco ou nenhum entendimento da causa dos encontros, o que se relaciona com a heteronomia, com as paixões tristes. Essas últimas promovem ações muito intensas, porém reativas, não no sentido da autonomia, mas no sentido do padecimento e da servidão. Nas palavras do próprio pensador: “Chamo servidão a impotência humana em moderar, e em conduzir, os afetos; submetido aos afetos, com efeito, o homem está sob a autoridade não de si próprio, mas do acaso.” (SPINOZA, 2009, p. 155).

Os bons encontros trazem estado de alegria: tanto a mente fica mais ativa, tendo um número maior de ideias, quanto o corpo fica mais disposto a fazer coisas. Esse estado que indica o aumento da potência de agir aprimora a capacidade de existir, fortalecendo o *conatus*. Ampliando a potência de agir, os indivíduos passam a ter mais possibilidades de afetar e de serem afetados; por isso, adquirem novas possibilidades de relação com o mundo do qual fazem parte. (SPINOZA, 2009).

Considerando os encontros passivos e ativos, a alegria desses dois tipos de encontro é a mesma, divergindo apenas pela causa. A alegria do

encontro passivo é resultado de uma causa externa ao próprio encontro – ideia inadequada –, sendo, desse modo, contingente e circunstancial, enquanto a alegria do encontro ativo deriva de uma causa interna – ideia adequada.

Uma ideia adequada é aquela que expressa a causa, enquanto uma ideia inadequada não o faz, sendo, portanto, fonte de erros e ilusões. Segundo Hardt, “o adequado é aquilo que desvela a dinâmica produtiva do ser”. (1996, p. 146). A ideia adequada representa a ordenação e a conexão das coisas; por sua vez, a ideia inadequada não exprime materialmente a própria causa e se atém a uma ordem de encontros casuais em vez de alcançar a concatenação das idéias. (DELEUZE, 2002).

Nesse ponto, indaga-se: Como poderia a educação promover bons encontros, alegres e ativos? As respostas a essa pergunta estão intrinsecamente ligadas à capacidade do indivíduo de ser afetado, pois, ao ser afetado por alguma afecção, tem sua potência de agir aumentada ou diminuída, alterando, assim, o grau de potência.

Merçon (2009) indica que, nesse segundo caso, a docência deve atuar organizando encontros que visam a atualizar o que é mais útil¹¹ ao indivíduo. Nesse sentido, volta-se para o ativar das paixões alegres, para o exercício da potência de pensar e agir, evitando estimular as forças que induzem à passividade e à manutenção, por meio de operações entristecedoras, da submissão aos poderes instituídos, como se lê:

Libertar o indivíduo do medo a fim de que ele viva, tanto quanto possível, em segurança, isto é, a fim de que mantenha da melhor maneira, sem prejuízo para si ou para os outros, o seu direito natural de existir e agir. O fim [da educação ou] do Estado [...] é fazer com que a sua mente e o seu corpo exerçam em segurança as respectivas funções, que eles possam usar livremente a razão e que não se digladiem por ódio, cólera ou insídia, nem se manifestem intolerantes uns com os outros. O verdadeiro fim do Estado [ou da educação] é, portanto, a liberdade. (SPINOZA, 1988, p. 241).

Spinoza (2009) afirma que a liberdade é a capacidade do indivíduo de agir no mundo, sem ser constrangido ou coagido por outras forças; é

¹¹ Segundo Spinoza (2009, p. 184), “é útil aquilo que conduz à sociedade comum dos homens, ou seja, aquilo que faz com que os homens vivam em concórdia e, inversamente, é mau aquilo que traz discórdia à sociedade civil”.

a percepção de que sua potência aumenta. Ele somente é passivo na ignorância. A partir do momento em que compreende melhor a natureza – o ambiente –, pode tornar-se produtor de si mesmo, modificando o ambiente à sua volta.

Segundo Deleuze e Parnet (1998), um professor pode promover o que para Spinoza é um bom encontro. Um bom encontro com o conhecimento é o caminho para que os discentes sejam afetados ao máximo por paixões alegres. Essa possibilidade da educação de promover bons encontros visa a fortalecer o indivíduo através da ampliação e do aprofundamento da consciência de suas limitações, das capacidades e dos talentos que tem, construindo para modificar a realidade, bem como a consciência de sua situação social. O intuito é que, a partir dessa clareza, o sujeito passe a desenvolver suas relações de maneira crítica e ativa e não apenas como cumpridor de papéis e regras, mas buscando caminhos para exercer sua potência de modo a transformar a realidade e visando à alegria e, no limite, à felicidade.

Conclusão

Homem nenhum pode mostrar melhor o poder de sua habilidade e disposição, do que treinando os homens para que vivam, ao final, sob o domínio da própria razão. (SPINOZA, 2009, p. 120).

É possível pensar, a partir da filosofia de Spinoza (2009), em uma educação que priorize os bons encontros entre professores e alunos, no sentido de tornar a educação instrumento de emancipação e de autonomia dos indivíduos.

Uma vez que se buscassem aprender os encontros adequados, professores e alunos passariam a ter mais potência de agir e de pensar. Spinoza (2009) defende o papel do homem como educador, quando afirma que o homem que se conduz pela razão conserva o seu ser e usufrui de uma vida racional. A melhor maneira de um homem mostrar o valor do seu engenho e de sua arte é, segundo ele, educando os demais para viverem conduzidos pela razão.

A atenção aos encontros alegres, que aumentam nossa potência de pensar e de agir, formaria, assim, um componente importante no processo educativo. Livros, conversas, lugares, pessoas, gestos, entre

outros, podem insinuar caminhos educativos; se abrem à potência do pensar. Deve-se ensinar o *outro* como exercício atento e provedor, até onde é possível, de condições que promovam a emergência do pensamento, para que surjam situações nas quais os educandos sejam afetados pelo que aprendem.

Nesse sentido, o pensamento de Spinoza (2009) aparece como uma proposta de libertação do sujeito. Definido no pressuposto fundamental de que quanto maior for o conhecimento que o sujeito detiver dos mecanismos afetivos aos quais está sujeito, maior será a capacidade de intervenção, a razão cria condições para que o indivíduo possa se libertar das afecções negativas, substituindo-as por outras maiores e mais positivas.

Conhecimento e afetividade ocupam um lugar de destaque no pensamento de Spinoza (2009), visto que ambos estão intrinsecamente interligados, na medida em que o conhecimento mais profundo sobre a natureza da afetividade humana visa à transformação ou à libertação, para atingir a felicidade suprema.

A educação, como processo dedicado a ensinar e a aprender as potências do pensamento, quando movida pela compreensão, expressam-se como aquilo que Spinoza (2009) denomina fortaleza: sustenta-se pela firmeza, que se constitui por meio do desejo individual de preservação e de expansão das próprias potências do pensar. Assim, a educação do *outro* poderá tornar-se trabalho generoso, desejo ativo de que se realizem, ao máximo, suas potências.

Referências

- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: vida e obra*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- _____. *Política em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
- COSTA-PINTO, Alessandra. *Potência de agir e Educação Ambiental: aproximações a partir de uma análise da experiência do Coletivo Educador Ambiental de Campinas (Coeduca)*. 2002. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

- _____; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DESCARTES, René. *Discurso do método: as paixões da alma, meditações*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- HARDT, Michael. *Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- JAQUET, Chantal. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Spinoza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LEITE, Sérgio; TASSONI, Elvira Cristina Martins. *A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor: psicologia e formação docente: desafios e conversa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- MARTINS, André. *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: M. Fontes, 2008.
- MERÇON, Juliana. *Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinoziana da educação*. Campinas: Alínea, 2009.
- NEGRI, Antonio. *L'anomalie sauvage: puissance et pouvoir chez Spinoza*. Trad. de François Matheron. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- REZENDE, Cristiano. A ordem que naturalmente temos. *Cadernos Spinozianos*, São Paulo: FFLCH-USP, n. XI, 2004.
- SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- _____. *Tratado da reforma da inteligência*. Trad. de Lívio Teixeira. São Paulo: M. Fontes, 2004.
- _____. *Tratado teológico-político*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.
- TEIXEIRA, Lívio. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Spinoza*. São Paulo: Edunesp, 2001.
- VYGOTSKY, Lev. *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal, 2004.

Submetido em 19 de maio de 2015.
Aprovado em 17 de junho de 2015.